

“A gente não tocava no rádio”: um estudo da discografia da Banda Arraial do Pavulagem.

MODALIDADE: COMUNICAÇÃO

SUBÁREA: Etnomusicologia

Tainá Maria Magalhães Façanha
UEPA
magalhaesfacanha@gmail.com

Resumo: Este artigo é oriundo de uma pesquisa de doutorado cujo fenômeno de investigado foi o movimento cultural Arraial do Pavulagem, em Belém-PA, na referida pesquisa o enfoque foi na transmissão de saberes no Instituto Arraial do Pavulagem. Neste artigo, busquei compreender o processo de construção identitária musical do grupo a partir da sua discografia da banda Arraial do Pavulagem, verificando aspectos relacionados à formação instrumental do grupo, aos estilos musicais das composições e às temáticas contidas nas letras das músicas no percurso de surgimento, desenvolvimento e consolidação do grupo. A pesquisa foi desenvolvida a partir de um levantamento de informações sobre as composições da banda nas plataformas de streaming e em entrevistas, realizadas por meio da história oral, com os membros do grupo. Com isso foi possível perceber alguns contrastes significativos em relação à construção sonora do grupo musical, por meio dos ajustes na formação instrumental da percussão e das práticas musicais que foram e ainda são referências composicional para os músicos. Além disso, esse repertório trouxe em suas poéticas saberes de práticas musicais do interior do Pará para a capital, Belém, promovendo um diálogo dessas práticas na cena urbana da cidade e construídos laços identitários com a cultura Amazônica paraense.

Palavras-chave: Arraial do Pavulagem. Discografia. Prática musical. Belém do Pará.

Title. “We didn’t play on the radio”: a study of the discography of the Banda Arraial do Pavulagem.

Abstract: this article presents the findings of research conducted on the cultural movement Arraial do Pavulagem, specifically focusing on the transmission of knowledge at the Instituto Arraial do Pavulagem. The author’s aim was to understand how the group’s musical identity was formed through an analysis of the band’s discography, including aspects such as instrumental formation, musical styles, and lyrical themes. The research involved studying the band’s compositions on streaming platforms and conducting oral history interviews with group members. The results revealed significant contrasts in the band’s sound construction, including adjustments in percussion instrumental formation and references to various musical practices. Additionally, the repertoire showcased the transfer of poetic knowledge from the interior of Pará to the urban setting of Belém, fostering a dialogue between different musical practices and contributing to the establishment of identity ties with Pará’s Amazonian culture.

Keywords: Arraial do Pavulagem. Discography. Musical practice. Belém do Pará.

1.Introdução

“a gente não toca no rádio, a gente não tem acesso ao teatro, então bora para a rua. Bora colocar um boi na rua”. (Ronaldo Silva, 2023)

O Arraial do Pavulagem é considerado um movimento cultural paraense que surgiu a partir de uma banda musical e desenvolve atividades culturais, como cortejos de rua e oficinas, a partir de seu Instituto (MORAES, 2012; CHAGAS Jr., 2016; 2017; SANTOS. 2017). O surgimento da conhecida brincadeira de rua se deu no final da década de 1980, precisamente em 1987, a partir de ajuntamentos artísticos que ocupavam uma das praças em Belém do Pará, a Praça da República, que traziam como bandeira a valorização da cultura popular paraense.

Como uma performance contemporânea, “mediada por experiências e significados emergidos em dimensões *políticas, culturais, sociais, estéticas e econômicas.*” (RIBEIRO, 2017, p. 14, grifo meu), o Arraial do Pavulagem tem sua tradição originada no berço de outras práticas musicais da Amazônia brasileira. O movimento Cultural Arraial do Pavulagem tem seu mito de origem nascido a partir de um sonho que um de seus fundadores, Rui Baldez, teve com um boi azul adornado de encantarias, presenteado por São João, para enfeitar e alegrar a cidade durante a quadra junina.

O grupo musical Porta de Casa foi a banda que precedeu a fundação do movimento Arraial do Pavulagem, era um coletivo de músicos que se reuniam para tocar em festivais de música e nos encontros nas universidades. Mas, teve curta duração e acabou após o lançamento de um álbum de músicas. (RONALDO SILVA, 2023)

Este artigo é oriundo de uma pesquisa de doutorado cujo fenômeno de pesquisa foi o movimento cultural Arraial do Pavulagem, na referida pesquisa o objetivo foi compreender como se dá a transmissão de saberes no Instituto Arraial do Pavulagem na cidade de Belém do Pará. Neste artigo, busquei compreender o processo de construção identitária musical do grupo a partir da sua discografia da banda Arraial do Pavulagem, verificando aspectos relacionados à formação instrumental do grupo, aos estilos musicais das composições e às temáticas contidas nas letras das músicas no percurso de surgimento, desenvolvimento e consolidação do grupo.

A pesquisa foi desenvolvida a partir de um levantamento de informações sobre as composições da banda nas plataformas de streaming e em entrevistas, realizadas a partir da história oral, com os membros do grupo. Para tanto, fiz a seleção dos discos da Banda Arraial do Pavulagem. Para descrever a discografia da banda, foi realizada a escuta de todas as músicas de cada disco. Com essa escuta, tive o intuito de observar o desenvolvimento da banda ao longo dos seus 36 anos de existência e perceber as nuances que permearam os primeiros anos da banda até os discos mais recentes. Com isso foi possível perceber alguns contrastes significativos em relação à construção sonora do grupo musical, por meio dos ajustes na formação instrumental da percussão e das práticas musicais que foram e ainda são referências de criação dos músicos.

Por fim, esse artigo está estruturado, além da introdução e das considerações finais, em duas seções: a primeira apresenta a descrição das informações referentes aos álbuns da Banda e a segunda apresenta algumas reflexões que se relacionam com a relação das músicas para a comunidade do Batalhão da Estrela e questões vinculadas à formação de memórias e identificações (HALL, 1992) do grupo.

2. Os álbuns e um percurso de construção de um mosaico sonoro nortista

2.1. Gente da Nossa Terra



Gente da Nossa Terra é o primeiro álbum lançado pela banda Arraial do Pavulagem, em 1995, é composto por 23 músicas que expressam as características iniciais do grupo musical,

mas também as “origens” de seus membros. No álbum, já possível observar na arte de capa do CD onde tudo começou, ou melhor dizendo, em razão de que tudo começou: um Arraial Junino!

Em uma pintura que se assemelha ao movimento impressionista é representado um arraial junino, podendo ser percebido a partir das bandeirinhas que adornam a parte superior da ilustração, dos brinquedos montados em praças, das barraquinhas de comidas típicas e do amontado de pessoas, não é possível perceber os limites onde começa e onde termina cada um desses elementos. Não à propósito, interessante o destaque que se dá às pessoas no nome do álbum “Gente da nossa terra”, elementos que serão trazidos nas poéticas musicais, assim como nas rítmicas que compõem o CD.

Desse álbum, algumas canções se fixaram ao longo dos anos na construção de elementos identitários do grupo e se estabelecem com uma espécie de objetos de memórias que reforçam ano após ano o sentimento de permanência no grupo. É possível perceber tal fato, especialmente, nas dinâmicas de retorno, sejam de membros do Batalhão que se afastaram e retornam saudosos, seja em um momento tão singular como o da pandemia da covid-19, em que as pessoas se conectaram a partir de redes sociais em torno de atividades promovidas pelo Instituto Arraial do Pavulagem.

Dentre essas canções, destaco: a) *Batalhão da Estrela*, que traz em sua nomenclatura e narrativa o enaltecimento do Batalhão da Estrela, o grupo de brincantes que forma os cortejos de rua, conhecidos como arrastões; b) a *Reunida* que carrega um dos principais chamamentos do grupo: "Chamou Pavulagem, vaqueiro! Terra vai tremer!"; c) *Recado* destacada nas memórias de muitos membros do Batalhão ao ser uma canção que retrata saudades, composição de Rui Baldez que é sempre cantada em uníssono pelo grupo e é uma das músicas que compõe os cortejos, assim como a d) *Toada do Igapó*, música que abre os Arrastões Juninos todos os anos; e e) a *Quadrilhão de Rua* que é umas das quadrilhas mais conhecidas do grupo.

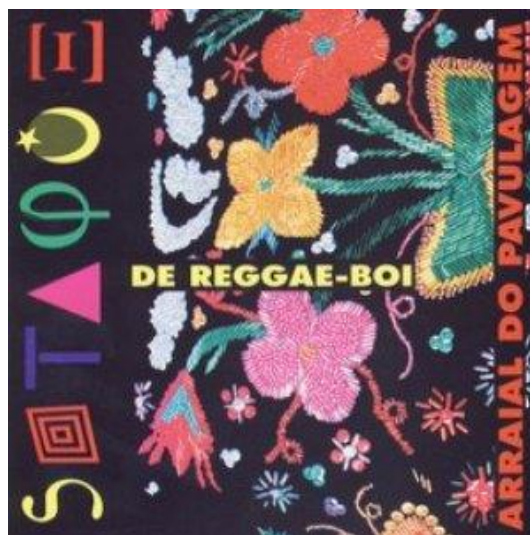
Interessante perceber que nesse primeiro álbum não há a inclusão de carimbós, apenas toadas, xotes, reggae, forró e um toque de umbanda na música *Vai quem quer*, ritmo muito usado pelo Mestre Verequete em suas músicas. Em *Gente da nossa terra* a organização das músicas é intercalada com várias vinhetas que trazem uma espécie de narração da construção sonora do CD. O álbum começa com vinhetas que trazem aspectos da história da banda, a maioria são Toadas de Boi, mas nas sessões seguintes as músicas apresentam sonoridades de instrumentos elétricos, o que é um contraste com a primeira parte em que existe a predominância

de tambores e maracás, com sonoridades mais marcantes realizadas por instrumental percussivo, por vocais, a base harmônica realizada pelo banjo e violão e os metais.

2.2 Sotaque Reggae Boi

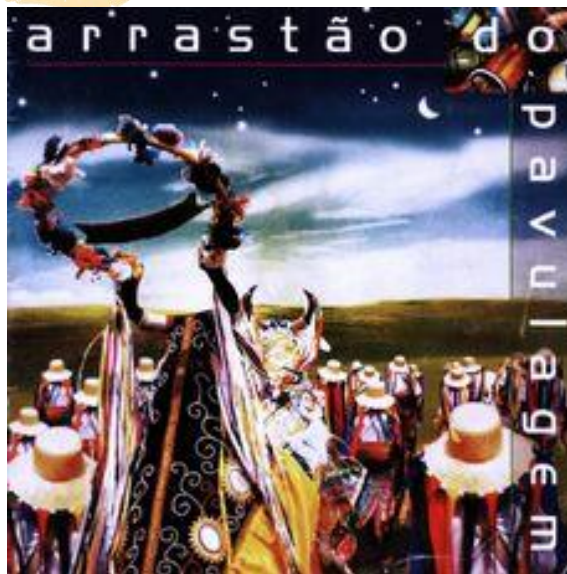
Já o segundo álbum lançado pelo grupo, *Sotaque Reggae Boi* de 1996, é composto por 14 músicas e, diferente do primeiro, é um disco que traz apenas uma vinheta, que faz uma transição das toadas de bois para dois carimbós. Em contraste sonoro com o primeiro, as sonoridades desse disco têm uma predominância de instrumentos elétricos, conforme menciona Edgar em sua entrevista:

o Sotaque De Reggae-Boi, a coisa vai só andar um pouco mais eletrificada, a gente começa a contestar um pouco, " muita guitarra, muito teclado, baterias, cadê os tambores?" mas eu acho o som Sotaque De Reggae-Boi é um dos maiores discos do Arraial do Pavulagem eu gosto muito dele, mas a gente naquela época conversava sobre essas influências da eletrificação dos instrumentos, porque a gente queria que tudo fosse muita raiz muito pau e corda uma visão muito endurecida da coisa. (Entrevista - Edgar Chagas Jr., 2023)



Neste disco, é possível perceber a construções de “diálogos composicionais” construídas a partir do hibridismo sonoro proposto no que é intitulado de Reggaes-Boi, que como o próprio nome sugere faz uma junção do ritmo do Boi-bumbá e do Reggae.

2.3 Arrastão do Pavulagem



No terceiro CD, intitulado *Arrastão do Pavulagem* e lançado em 2001, mais duas músicas tradicionais dos cortejos de rua são lançadas: Iniciais BP e Balança de Ouro. Mantem-se o número de 14 músicas como no disco anterior, mas uma característica é que esse álbum é composto apenas de toadas de boi, diferente de todos os outros que têm pelo menos um ou dois xotes, carimbós e quadrilhas. Esse disco, em comparação com os anteriores, apresenta um contraste, até que conflituoso, entre algumas músicas fortemente marcadas por solos de guitarras, como Balança de ouro, que por vezes se sobrepõem a voz e a percussão enquanto outras músicas são mais marcadas pela percussão de tambores e vocais.

2.4 Folia do Marajó

Esse disco, Folias do Marajó, encomendado pelo Paes Loureiro que tem todo um cenário do barco que sai daqui do Ver-o-Peso e vai do Marajó. Foi todo criado em Mosqueiro, a gente passou o fim de semana em Mosqueiro e eles debruçados madrugada adentro fazendo esse roteiro e compondo essas músicas desse disco. Quando eu ouvi materializado, depois de muito trabalho que eles tiveram, foi um impacto para mim. Eu sabia nem falar de tanto que que foi impactante. Acompanhar todo o processo, com as pedreiras que foram, com as dificuldades e no final conseguiram ultrapassar todas essas dificuldades e mostrar um trabalho impecável como foi esse disco. Eu chorei dentro do carro.



Em Folias do Marajó, 2002, é narrado a travessia e a vida na Ilha de Marajó, terra que é berço de nascimento de Ronaldo Silva, um dos fundadores desse movimento cultural. O Marajó é cantando e encantado em um disco que é narrado por Wena Soares como um despertador de lugares de memórias (NORA, 2012):

Eu lembrava das fazendas que eu ia na Marajó na minha infância e de pessoas que já não estavam mais presentes, que eram das fazendas. Muito amigos, pessoas muito queridas. Vinha uma imagem daquela chegada dos músicos com a imagenzinha de São Sebastião. Lembrei daquelas famílias marajoaras tradicionais, estudei com os Lobatos. Lembrei das fazendas mais ricas e das mais humilde. Muito gado, pouco gado. Essas dualidades, essas discrepâncias que o Marajó tem. Gente com muito, gente com pouco. A realidade marajoara é muito difícil, ou Arari¹ está cheio ou está um lamaçal. Tudo muito distante. Eu lembro que eu ficava numa fazenda que era toda telada. Via o nascer do sol e via quando a lua. Quando era dia de lua cheia, tu via a lua e tu via o sol. Aquele campo absurdo de Marajó e uma dificuldade muito grande. Tinha uns livros desse meu tio, dono da fazenda, que instruía procedimentos de emergência para lugares onde não tem médicos. Tudo fica a uma distância absurda. A era por rádio transmissor, não tinha luz.

Esse disco retoma as vinhetas tão presentes no primeiro disco, nesse álbum como uma forma de narrar o trajeto de navegar pelos rios na ida de Belém à Cachoeira do Arari, na Ilha do Marajó. Narra os locais, os amores, a devoção e a fé das pessoas. Um álbum composto de

¹ “Cachoeira do Arari é um município brasileiro do estado do Pará, localizado na Ilha do Marajó pertencente a região administrativa de Soure-Salvaterra, fundada em 1833 na então Província do Grão-Pará (1821-1889) pelo capitão-mor André Fernandes Gavinho.” Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Cachoeira_do_Arari acesso 20 de maio 2023.

toadas de boi, lundu marajoara e folias de santo. Em comparação com o anterior, apresenta arranjos muito elaborados, com um instrumental mais amplo com rabecas, violas, bandolins, vocais divididos em mais de uma voz e com uma forte presença da paisagem sonora desse atravessar, com os sons dos rios, pássaros, burburinho dos trabalhadores das embarcações e os fogos da esmolação de São Sebastião. Toda essa construção sonora é permeada de poéticas narradas por Ronaldo Silva, que rememoram a natureza – a fauna, a flora, as pessoas – do Marajó com uma poética sonora que é um recorte dos muitos Brasis nesse Brasil.

2.5 Arraial do Pavulagem – Ao Vivo

Na sequência, há o lançamento do CD *Arraial do Pavulagem Ao Vivo*, em 2003, trazendo como arte da capa um dos principais símbolos do movimento Arraial do Pavulagem: o chapéu de fitas. Esse disco é uma síntese da característica da sonoridade da banda, com músicas que demarcam uma identidade sonora do movimento do Arraial do Pavulagem na cidade de Belém. Além disso, traz a estrutura musical que ainda hoje é preservada nos shows – tanto nos ritmos como nas músicas tocadas ainda hoje – com toadas, carimbós, quadrilhas e ritmos que sempre são referendados como: os xote bragantino, lundus marajoaras, Samba de Cacete e Banguês.



No mesmo período de lançamento desse álbum acontece a entrada do Trio Manari na banda, Márcio Jardim, Kleber Benigno (Paturi) e Nazaco Gomes que, ao mesmo tempo em que tocam na banda, estruturam a sonoridade dos Arrastões a partir da condução das oficinas de percussão e do ingresso de novos instrumentos musicais no cortejo. Esse momento é interessante, pois segundo Junior Soares, são esses músicos que estruturam o formato sonoro

que ainda hoje acontecem nos cortejos e, também, alguns processos de transmissão musical que são mantidos nas oficinas.

Surgem as figuras do Trio Manari na nossa vida, logo quando íamos gravar um disco ao vivo do Arraial do Pavulagem e eles fizeram esse disco ao vivo e passaram a fazer parte do grupo do Arraial do Pavulagem. Foi naquele momento que convidamos eles para fazerem parte das oficinas e a proposta deles foi dissecar essa música para fazer com que mais gente tocasse e soasse melhor. Com essas definições de altura, com médios para poder a gente conseguir uma sonoridade diferente como em uma escola de samba. (Junior Soares, 2023)

2.6 Música do Litoral Norte e Rota da Estrela

Os disco que seguem, são a síntese do trabalho composicional do grupo musical. Nas criações sonoras, usam ritmos do Samba de Cacete, Banguê, Quadrilha, Marujada, Marabaixo, Xote bragantino, Mazurca, Retumbão e Lundu marajoara fazendo referências aos municípios paraenses e suas culturas nas canções da banda. Em *Música do Litoral Norte e Rota da Estrela*, este último fruto de pesquisa artística dos membros da banda, reverenciam esses lugares e as pessoas que são fazedoras de cultura. É possível ouvir e conhecer no centro urbano da cidade de Belém a cidade de Bragança, o Marajó, Marapanim, Algodual e tantos outros lugares a partir dessa poética sonora. É nessa convergência de lugares, práticas e processos que vem se estruturando a pedagogia da difusão cultural a partir da escuta sonora e dos processos criativos dos músicos que compõem essa banda.



Figura 7- Capa CD Arraial do Pavulagem - Rota da Estrela



2. 7 Céu da Camboinha e Caeté-Camará

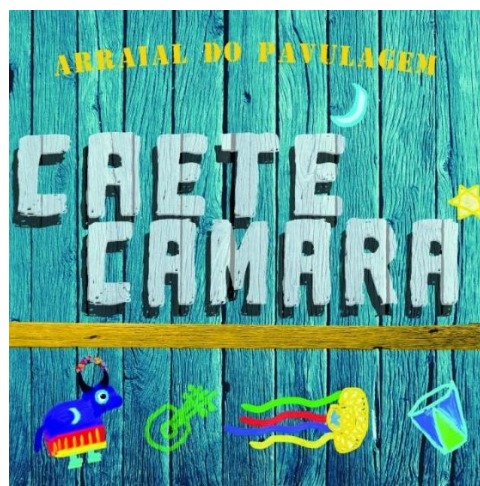
Após 8 anos sem lançar um disco novo, são lançados dois álbuns com intervalo de 5 anos entre cada um, que traz composições que já vinham sendo cantadas ao longo dos anos nas atividades do Instituto e nos shows da banda. Após 8 anos sem lançar nenhum álbum, Céu da Camboinha, de 2013, vem inaugurar um período frutífero de criação musical da Banda Arraial do Pavulagem, com muitas músicas que já vinham embalando os shows da banda e construindo memórias. Esse disco talvez seja uma síntese contemporânea e madura do perfil sonoro da banda com estilo de canções mais delineados e um idiomatismo musical da zona litorânea e urbana do estado do Pará impressa em suas músicas.

Nesses últimos álbuns, em minha percepção especialmente os quatro últimos, é possível ouvir a consolidação dessa hibridação cultural a qual Canclini (1997) se refere, em essência pela imbricação do estilo composicional da banda aos ritmos que são usados como referência rítmica. Pois, mesmo tendo um ritmo definido, a impressão sonora da banda, seja pela estilização do ritmo, pela organização instrumental ou pela poética das letras imprime uma particularidade marcante do som da banda, podendo quiçá se definido como um idiomatismo ou uma identidade musical. Porém, há necessidade de maior aprofundamento no que tange à uma análise musical que não é objetivo desta pesquisa no momento.

Figura 8 - Capa CD - Céu da Cambonha.



Apesar de ser complexo definir essas terminologias de identidade ou idiomatismo musical aqui, é possível perceber nas palavras da própria banda esse delineamento identitário por meio de alguns valores que são exemplificados para falar sobre essa criação: ancestralidade, ligação com os mestres, com as festividades e com as pessoas que afirmam demarcar a trajetória do que fazem. Esses valores perpassam as atividades como um todo durante qualquer ação promovida pelo Instituto Arraial do Pavulagem, por isso é interessante pensar nesse encontro de muitos elementos culturais mediados pela criação artística presentes nas composições da banda.



Em 2018, o último CD da banda, Caeté Camará, foi lançado, a partir do encontro de dois rios, trazendo a poética do navegar nas águas da cultura, especialmente destacando a cultura da região do salgado paraense, o nordeste do estado, e da Ilha do Marajó. Traz como metáfora o navegar nas águas entre os dois rios que nomeiam o disco com composições trazem a

tradição dos folguedos e das festas de rua do norte brasileiro, com: Toadas de boi, banguês, carimbós, xotes, marabaixo e guitarrada.

3. Discografia e a construção de uma identidade pavuleira

Do início de um ajuntamento de amigos à discografia da banda que vem consolidando sua identidade sonora, essa história musical veio inscrevendo poeticamente nas memórias das pessoas as sonoridades das toadas, dos carimbós, das quadrilhas, xotes, retumbão, mas também de hibridismos sonoros como reggae-boi.

“Do povo na rua, do meu guarnecer” talvez retrate bem a primeira impressão ao ver a manifestação dos cortejos do Arraial do Pavulagem nas ruas de Belém. É possível constatar que as histórias de vida das pessoas que participam desta brincadeira popular se entrecruzam, se mesclando e transformando a construção de uma Prática Musical em um ajuntamento de história de pessoas que ali participam. Ao mesmo tempo que constroem identidades, suas identidades são construídas de um coletivo de narrativas de vida, como é possível perceber nas memórias de um dos membros do Batalhão da Estrela:

Era algo mesmo para brincar, de gostar das músicas e de curtir aquele tipo de música. Essas músicas me lembravam muito o que o meu avô ouvia. Meu avô faleceu já tem alguns anos, a gente o chamava de “Velho Gama”, seu Antônio Melo Duarte da Gama. [...]. Ele acordava muito cedo na época, quatro e meia ou cinco horas da manhã, ligava o radinho dele e fazia sua oração. [...] O rádio na AM tocava muito merengue, lambada, cumbia. As músicas que ocorriam nos arrastões lembravam um pouco aquilo, aqueles momentos com o meu avô. Isso foi fortalecendo essa memória que eu tenho do meu avô, da família da minha mãe que é de Moju e da família do meu pai é de Abaetetuba. No Arraial, tem muito dessa coisa do interior, das pessoas do interior, das músicas que gostam de ouvir, isso me faz ter uma ligação forte com eles. (Augusto Rego, 2022)

A memória narrada traz uma lembrança que é guiada por músicas compostas por esta banda. Em especial, na fala de Lucelle, a canção Recado que faz parte do primeiro álbum lançado pela Banda Arraial do Pavulagem *Gente da Nossa Terra*, em 1995. Não por acaso, ainda hoje esse álbum conta as histórias dessa gente “daqui” dessas terras, mesmo que algumas, como o emblemático e saudoso Ruy Baldez não esteja neste plano físico.

O Arraial do Pavulagem é uma coisa incrível, a gente não imaginou que fosse chegar aonde chegou. Agora tem uma raiz lá dentro, eu estava falando outro dia em casa que quando essa galera não estiver mais nesse plano, vamos ter

que dar continuidade, porque já é uma coisa bem histórica para cidade de Belém. Além de ser uma vitrine da cultura paraense, tem um estudo atrás, uma pesquisa que deixa um registro musical maravilhoso. Então ele já sai do processo experimental, já sai do que a gente começou lá atrás, vamos fazer uma coisa política, mas além do político, algo educativo mesmo. É um processo cultural gigante. É lutar contra a correnteza. O Arraial do Pavulagem é um tesouro. Uma relíquia. (Wena Soares, 2022)

Essa história de 36 anos não acontece sem algo fundamental para qualquer projeto de cultura: políticas públicas culturais. Ao longo desses muitos anos de existência a fricção entre a vontade de colocar na rua essa história e encontrar os meios de se fazer tiveram muitas configurações. Para compreender melhor a multiplicidade de elementos que formam o movimento Arraial do Pavulagem, seria uma alternativa resumir que foi uma atividade artística, criada por uma banda de música, construída nas ruas da cidade com cunho político objetivando reivindicar direitos de existências da cultura popular em espaços públicos. Assim como difundir a cultura do estado no centro urbano da cidade de Belém. Ao longo de sua trajetória, a partir de elementos que vão sendo implementados e de necessidades de ajustes que vão surgindo a manifestação vai se consolidando e se institucionalizando, especialmente com a criação do Instituto Arraial do Pavulagem em 2003.

Dos que não tocavam na rádio e não sabiam o que era uma toada, atualmente o Arraial encabeça um movimento em prol da cultura popular que promove formação de pessoas e abrem espaços para mestres e práticas musicais que pouco estão presentes nas mídias hegemônicas. Talvez, ainda hoje eles toquem pouco na rádio, mas mobilizam uma multidão cantante e dançante que multiplica o que aprende ali naqueles encontros. Como retrata Mário,

Uma das coisas mais lindas para mim, tanto nos cortejos como nos shows é ver a multidão cantando uma música que não toca em rádio e não toca na televisão. Não é aquela música que vai ficar te viciando de tanto ouvir, que o vizinho vai aprendendo. As pessoas cantam algo totalmente fora da mídia. Uma coisa ou outra até toca na Rádio Cultura, mas também não é uma rádio popular. Mas na Praça pública com quinze mil pessoas cantando uma mesma música e músicas que não tinham nem sido lançadas em CD e que eles só tocavam em show. E a galera cantando e dizendo nas redes sociais: “, a minha preferida é essa. Estou doido para ouvir essa.” Então, tu vêes que são propagadores da sua música, da sua arte. Mas eles também vão conhecer outros universos culturais e trazem para o Instituto. Essa é a importância do dos discos: Folias do Marajó, com a comitiva de São Sebastião, o Música do Litoral Norte. São músicas lindas que têm uma importância imensa. (Mário Vermont, 2022)

Apesar disso, há questões que necessitam de uma problematização mais detalhadas sobre a conscientização das pessoas em relação àquilo que estão cantando. Há de se mencionar que há disco que são importantes na trajetória do Arraial do Pavulagem, que são de trabalhos individuais dos mestres fundadores: Faróis e Via Norte de Ronaldo Silva; Festividade de Junior Soares; Folias de Belém, Bandeira de Ouro e Realeza do Guamá de Ronaldo Silva e Allan Carvalho; e Cordão do Galo último lançamento que traz folguedos da cultura popular ligados às atividades que são promovidas em Cachoeira do Arari no Marajó.

Considerações Finais

A partir das reflexões aqui propostas foi possível compreender que apesar de atualmente o principal meio de engajamento do público com a banda ser os cortejos de rua, o elo de identidade do movimento Arraial do Pavulagem se deu a por meio das composições da banda, gerando identificações com a cultura paraense narradas, sonorizadas e entoadas nas poéticas do grupo. Além disso, esse repertório trouxe em suas poéticas saberes de práticas musicais do interior do Pará para a capital, Belém, promovendo um diálogo dessas práticas na cena urbana da cidade e construindo laços identitários com a cultura Amazônica paraense.

Como um mosaico da cultura popular paraense o movimento do Arraial do Pavulagem pode ser compreendido a partir de suas junções, sejam estas de culturas musicais distintas, de linguagens artísticas e de pessoas com diversos credos, classes sociais, raça e gênero. Como discute Canclini (2008), ao construir o conceito sobre culturas híbridas, o batalhão da estrela é constituído pelo que o autor define como hibridação, esta que se encontra presente na construção das composições do grupo ao longo do percurso de suas criações musicais. Ou seja, essas novas organizações sociais surgem por meio de criações coletivas e individuais tanto nas artes quanto na vida cotidiana.

Esse estudo foi interessante para o exercício desse entendimento de criação musical intercultural que acontece dentro do Arraial do Pavulagem, onde a prática musical (CHADA, 2007), com suas diversas dimensões, se constrói por meio de fusões raciais, étnicas, de credo, de classe e de gênero. Porém, por fim, para um estudo mais aprofundado sobre aspectos relacionados um possível idiomatismo musical do grupo é necessária uma análise musical comparativa que permita perceber dimensões composicionais no que diz respeito à harmonia, estruturação rítmica e arranjos musicais.

Referências

- CANCLINI, Néstor García. 1997. *Culturas Híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade*. Tradução de Ana Regina Lessa e Heloísa Pezza Cintrão. São Paulo: EDUSP.
- CANDAU, Joel. *Memória e Identidade*. Tradução: Maria Letícia Ferreira. São Paulo. Editora Contexto, 2012.
- CHADA, Sonia. *A prática musical no culto ao caboclo nos candomblés baianos*. In III Simpósio Internacional de Cognição e Artes Musicais, 2007, Salvador. Anais... Salvador: EDUFBA, 2007, p. 137-144.
- CHAGAS JUNIOR, E. M. *Pelas ruas de Belém: produção de sentido e dinâmica cultural nos Arrastões do Pavulagem em Belém do Pará*. Tese de Doutorado em programa de pós-graduação em ciências sociais, UFPA, Belém, 2016.
- HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. DP&A Editora, 1ª edição em 1992
- NORA, P., & Aun Houry, T. Y. (2012). Entre Memória e História: a problemática dos lugares. Projeto História: Revista Do Programa De Estudos Pós-Graduados De História, 10. Recuperado de <https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/12101>
- MORAES, M. J. P. C. *Arraial do Pavulagem: a moderna tradição de uma prática musical*. Tese de Doutorado. (Doutorado em Etnomusicologia) Universidade Federal da Bahia, UFBA, 2012.
- SANTOS, Gianne Regina Conceição dos. “#SouPavulagem”: a relação entre o Arraial do Pavulagem (Belém-PA), tradição e representação social na internet / Gianne Regina Conceição dos Santos. – 89 f. Dissertação (mestrado) – Escola de Ciências Sociais da Fundação Getulio Vargas, Programa de Pós-Graduação em História, Política e Bens Culturais. 2017